

Javier Dávila Durand, a Declaração de Indiana e o Grupo Bubinzana – Corpos e copas da poesia do verde nas Amazônias Peruanas²⁵

Rossemildo da Silva Santos²⁶

Resumo: O presente trabalho tem como base observada as movências dos poetas peruanos enquanto grupos engajados pelas causas amazônicas, sobretudo a trajetória produtiva do jornalista Javier Dávila Durand nesses nichos de denúncia de como os poderes externos atuam sobre os povos de tinte local, entre eles indígenas, ribeirinhos, seringueiros e cidadãos em geral, com ênfase na cidade de Iquitos, Loreto, Peru. Desse modo, apresentamos esses grupos, como o Bubinzana, os planejamentos e repercussões de encontros desses literatos amazônidas, como a Declaração de Indiana, e como a poesia pode, em sua maneira particular de linguagem, atingir tanto um público mais ilustrado como as próprias vítimas das denúncias. E, assim, revelar um dos aspectos da diversidade que é a literatura latino-americana, manifestada em sua forma autêntica por meio das literaturas com traços amazônicos.

Palavras-chave: Javier Dávila; Poesia; Amazônias; Peru.

Resumen: El presente trabajo tiene como base empírica el movimiento de los poetas peruanos como grupos engranados por las causas amazónicas, sobre todo el trayecto productivo del periodista Javier Dávila Durand en esos nichos de denuncia de cómo los poderes externos actúan sobre los pueblos de tinte local, entre ellos indígenas, ribereños, caucheros y ciudadanos en general, con énfasis en la ciudad de Iquitos, Loreto, Perú. De esa manera, presentamos esos grupos, como el Bubinzana, las planificaciones y repercusiones de encuentros de esos literatos amazónidas, como la Declaración de Indiana, y como la poesía puede, en su forma particular de lenguaje, alcanzar tanto a un público más experto como a las víctimas de las mismas denuncias. Y, así, revelar uno de los aspectos de la diversidad que es la literatura latinoamericana, manifiesta en su forma autêntica por medio de las literaturas de cariz amazónico.

Palabras clave: Javier Dávila; Poesía; Amazonias; Perú.

Javier Dávila Durand

Javier Dávila Durand é um poeta e jornalista peruano. No Primeiro Encontro Internacional de Poetas da Amazônia, de que vamos falar a seguir, organizado pelo também escritor peruano César Calvo, ajudou na organização do evento como representante regional, na cidade peruana de Iquitos. Nasceu em San Pablo, uma aldeia do Baixo Amazonas, lugar em que enfermos de lepra eram isolados. Seu pai administrava o hospital. É um competente e ativo jornalista (de mais de 70 anos de vida, 50 são de jornalismo). Começou a ganhar notoriedade no mundo artístico quando ganhou o primeiro concurso internacional de poesia

²⁵ Recebido em 31 de março. Aceito em 27 de maio.

²⁶ Doutor pela Universidade de Valladolid (UVa), Espanha. Professor EBTT, Câmpus Águas Lindas, Instituto Federal de Goiás (IFG). E-mail: rossemildo.santos@ifg.edu.br.

promovido por universidades amazônicas do Brasil, do Peru, da Colômbia e do Equador, em 1955. Criou, dez anos depois, a revista *Proceso*, a segunda mais antiga do Peru e que hoje já celebra mais de 50 anos de fundada. Já percorreu rios e povos na vasta região amazônica, além de ter estado no Brasil, no Equador, na Colômbia, nos Estados Unidos, na França, na Espanha, no Japão e na Índia. Entre suas publicações poéticas, encontramos *Yara* (1966), *Yo, el Sujeto* (1988 – com segunda edição em 1991), *La Dispersada Luz* (1992), *Canto del Dolor y de la Angustia* (1994), *El Amor es un Río Esplendoroso* (1996), *El Cantar* (1998), *Travesía sin Puerto* (1999), *Cerezo de Alba sobre la Pagoda* (2004).

Dizer que a poesia, durante muito tempo entendida como cantadora de beleza e, por isso, ainda guarda na semântica da palavra um quê de não utilidade e de desprezo, possui uma meta maior que esta é deveras um campo arriscado. Passeando através das histórias não contadas, dos gritos não ouvidos e das vozes não gravadas, descobrimos que há, sim, utilidade social na poesia, porque concordamos com Octavio Paz, quando diz que “o poeta faz algo mais do que dizer a verdade; cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência” (PAZ 1991: 45). Essa existência só se dá em um contexto, numa circunstância singular de vivência. Não que cantar a beleza de um espaço e de sua sociedade seja um elemento que ignore e hostilize a outra. Ambas não são divorciáveis nem reprimíveis. Uma completa, ao revés, a outra. O homem alcança o universal quando se eleva acima das montanhas, dos vales, do sol, do céu, e consegue entender a linguagem das flores e das coisas mudas, ou seja, daquilo que lhe está cerca, sensibilidades não percebidas com a vida de frustrações, provisoriedade, pressa e fluidez em que vivemos.

A poesia tem servido de salvaguarda em todos os espaços em que se conhece. Ela se imbrica, neste trabalho, entre essas movências de resistência frente à floresta e os inúmeros seres que a habitam, sobretudo humanos, tem participado ativamente no campo simbólico em lutas sociais de maior proporção no mundo e sempre carrega a pluralidade discursiva que marca as trajetórias dos povos sobre a terra.

Na Amazônia, esse percurso não é diferente. A história conta abertamente dos milhares que se dispersaram rumo aos rios da região em questão a fim de nesse território construir seu hábitat. Conta-nos de sujeitos que, regidos pelas mãos invisíveis do capitalismo, precipitaram-se à floresta amazônica em busca do famigerado ouro negro à época, a borracha. Nessas idas e vindas, abrem-se espaços de relações insólitas em que as diásporas fraguam zonas de interstícios: no Brasil, nordestinos (principalmente) encontram os nativos amazônicos e, no Peru, as várias províncias invadem as florestas e as fazem próximas corporalmente de indígenas e povos locais antecessores.

Face a estes e outros fatos históricos, vemos uma poesia que brota copiosa entre as agruras de uma sociedade cada vez mais fugaz, insensata, líquida (BAUMAN 2001). Vemos grupos de poetas que se preocupam não em apenas verter letras inúteis às comunidades em que vivem, mas em fazê-las valer como solicitação e reconhecimento de identidades.

É o caso dos poetas da Amazônia peruana, em particular de D'ávila Durand. De 25 a 29 de setembro de 1986 aconteceu em Indiana, Iquitos, no Peru, o *Primer Encuentro Internacional de Poetas en la Amazonía Peruana*. Sob o tema *En defensa de la vida*, esses poetas da Amazônia brasileira, peruana, boliviana e de países da América Central e da Europa preocupavam-se com a indiferença com que se tratavam os assuntos relacionados à Amazônia.

O periódico peruano KANATARI (palavra que no idioma Cocama significa “amanhecer”), de 21 de setembro de 1986, anunciava, de forma tímida, a ocorrência do evento. No acervo pessoal do poeta jornalista Javier Dávila Durand, há mais detalhes sobre o evento: quando o visitamos em Iquitos, Peru, ofereceu-nos muitas informações e material sobre sua atuação como jornalista e poeta peruano na defesa e proteção dos interesses locais. Participaram desse encontro Alfonso Barrantes Lingán, Prefeito de Lima, convidado; Alfonso La Torre, crítico convidado; Roger Rumrill, poeta, ensaísta e cineasta amazônico; Angel Avendaño, poeta cuzquenho; José Luis Ayala, poeta de Puno; Javier Dávila Durand, poeta e jornalista amazônico (Peru); Max Silva Tuesta; o poeta brasileiro Thiago de Mello; o Embaixador dos Estados Unidos no Peru, Don Jesús Puente Levya; poetas da Itália, do Chile e México, além de outros convidados ilustres.

Ao fim do Encontro, os participantes produziram dois importantes documentos poéticos: a *Declaración de Indiana* e *El comunicado que declara la Amazonía Patrimonio de la Humanidad*. O encontro rendeu aos poetas louvores dos críticos e elogio desse esforço genuíno de elevar a poesia, pela primeira vez na história da região, como escudo daquela comunidade. Esses documentos (e outras poesias), de acordo com Javier Dávila Durand quando em entrevista a este pesquisador, hoje consta nas embarcações dos rios da Amazônia peruana em forma de *banners* e pôsteres, rumo ao Brasil e lugarejos acima. O italiano Andréa Blarzino, descrevendo poeticamente o encontro, diz:

MI PRIMER ENCUENTRO

*Fue como un lugar,
Un lugar del paraíso*

Fue como un momento,

Un momento en el tiempo

*Fue como un soplo,
El soplo de un respiro*

*Fue como una lágrima,
Una lágrima en el río*

*Así fue, como una nota,
En el canto dulceamargo de la
Amazonía (PROCESO 1986: 7).*

À dele, agregam-se as vozes de outros poetas, como o *trujillano* Julio Garrido Malaver, que diz continuar “*siendo un terco, fiel, tenaz luchador de las causas más nobles y que, en este caso, propugnan la vida segura y limpia del hombre en el planeta*”; ou o senhor Angel Avendaño, de Cuzco, que esteve

[...] sorprendido de este territorio que es un efervescente laboratorio de Vida y que el sistema occidental y cristiano insiste en destruirlo con una voracidad capitalista incontrolable. Pero aquí estamos los poetas! Este encuentro no es la primera voz. Es la primera denuncia dicha con la voz más alta y más digna.

Ou a senhora Eleonora Duvivier, que descreve o objetivo do encontro como o que “*discute uno de los más terribles problemas del mundo (la extinción de los bosques)*”; e, para concluir, o poeta brasileiro Thiago de Mello, que se sente feliz por estar

[...] aunando [su] voz a un coro nuevo, distinto y diferente, que es el de los poetas, en defensa de la Amazonía y de sus recursos naturales, [...] al lado de amigos entrañables que están mostrando al mundo la virtud del amor. De este amor, en el que soy un eterno militante, siempre estaré conmovido²⁷.

Ou seja, os poetas que participaram do evento tinham consciência do objetivo do encontro, têm em comum a perspectiva de que a latino-americanidade é uma arte literária forjada nos laberintos da pluralidade, de culturas flutuantes em constante diálogos, intercâmbios e negociações. E que é a partir dessa mirada que se reúnem para comemorar o reconhecimento de uma escritura autêntica, local, dialogada, conflitiva, surgida da construção de uma ponte entre setores localistas com padrões culturais próprios, frequentemente dissociados, e uma projeção modernizadora com amplitude de maior abrangência.

²⁷ Os depoimentos constam nas referências, entre as revistas *Proceso* y *Kanatari* de que se falará mais adiante.

Entre publicações de livros, como o do peruano promotor do evento César Calvo *Sobre la piel del río*, recitações de poesia no prédio do *Sagrado Corazón* na principal avenida da cidade de Iquitos e outras apresentações culturais, o encontro não fugiu ao caráter político. César Calvo tinha grande interesse em reunir seus amigos dispersos novamente na Amazônia. Um dos objetivos, de acordo com o Padre Joaquín, um dos coordenadores do encontro em Iquitos, era fazer uma condensação de textos poéticos com temas ecológicos, mostrar, em suma, o engajamento social da poesia na temática amazônica. Ainda segundo o Padre, nas palavras de Durand em entrevista a este pesquisador, o encontro servia de alerta ao governo do “revolucionário” Alan García Pérez, então presidente do Peru, eleito em 1985 para os próximos 4 anos, quem abria as portas da Amazônia para as corporações internacionais.

Com o tema “*en defensa de la vida*”, não se pode negar o caráter social do colóquio. O evento foi uma convocação dos poetas para defender a vida na selva, já que a região “*siempre ha sido tierra de saqueo, de crimen y de usura*”. Assim declara a revista *Proceso*:

Nadie mejor que los poetas para iniciar esa cruzada. En momento en que en nuestro país se ha instalado la muerte y la devastación, los poetas pueden asumir el compromiso de levantar la voz en nombre de la utopía contraria. Como convocados por el embrujo del trópico, llegaron de todas las partes. Los poetas de entonces y de todavía; alucinados, enardecidos y furiosos. Tres días escucharon intervenciones, intervinieron a su vez y redactaron un hermoso documento llamado ‘La Declaración de Indiana’, que es un canto de denuncia a los depredadores de la Amazonía, de América Latina y del mundo, una voz de solidaridad con las víctimas de todas las injusticias (PROCESO 1986: 05).

Assim, o poeta não quer dizer, ele diz (PAZ 1972: 45), com o que nos resta clara a compleição social engajada do evento. Ele mostra o que já antes foi exposto: a poesia é um local social e não apenas estético, para deleite. Nela se manifestam essas verdades individuais, grupais e gerais emanadas das comunidades amazônicas. Expressa não só a vontade e insatisfação de poucos, mas de um conjunto, uma rede interligada pela vitimação do mesmo processo invasivo global que atinge as esferas mais periféricas, se vemos sob a ótica dos centros econômicos do mundo.

A Declaração de Indiana

A discussão sobre o assunto é antiga. Era importante registrar o imaginário da sociedade da época, daí a preocupação em fazê-lo. Os poetas no evento cantam, portanto, a

gente daquela terra, a própria terra, a grandeza e as potencialidades da Amazônia em todo o seu mistério e assombro criados pelas populações diversas que lá habitam, desde indígenas a ribeirinhos, com suas sabedorias acumuladas pelos séculos. Eles tomam as vozes dos índios e os fazem ser ouvidos. Discursam nessa pluralidade de favores, nessa vontade de marcar a diversidade da vida na região, seja humana, seja da fauna, da flora e outras grandezas indizíveis. A Declaração de Indiana e o encontro em si consagram esses instantes históricos e os ungem de um matiz peculiar, testemunham um átimo das sucessões cronológicas e os põem em relevo e à espreita.

Para auxiliar nesse enfoque histórico-literário, poremos em holofote a Declaração de Indiana, o documento produzido durante o Primeiro Encontro Internacional de Poetas da Amazônia Peruana. Nela, lemos:

Los participantes en el Primer Encuentro Internacional de poetas en la Amazonía del Perú, 'Por la vida, que es la libertad', aquí en Indiana, uno de los corazones de la selva amazónica, estamos unidos en un sólo canto. Un canto de reclamo y de esperanza que tiene la fuerza del sueño y la sabiduría milenar de los pueblos que habitan el más verde pedazo del universo. Cantando tratamos de hacer nuestra parte. Como quien cumple un deber. Como quien hace un gesto de amor. No solamente cantamos por la belleza y los prodigiosos dones de nuestra selva (cada día más peligrosamente amenazada y con ella la respiración del futuro). Aquí plantamos un cántico de amor por la dignidad y la hermosura de la misma condición humana, igualmente amenazadas en sus íntimos poderes, por la ceguera y la ferocidad de quienes se consideran dueños del mundo. Asumimos en este canto las voces de nuestros hermanos los indios amazónicos y de cuantos pueblan América Latina, que se alzan en defensa del don sagrado de la Tierra y de su identidad agredida. Por lo tanto nuestro canto denuncia la voracidad suicida del imperialismo internacional que es amparado –en su tarea destructora– por la complicidad de los gobiernos que ocupan la Amazonía. La devastación y la muerte tienen un único responsable. La misma mano salvaje que tala los bosques, continúa talando a millares de humanos en las llamadas “zonas de emergencia” del Perú. Al asumir el compromiso de proseguir defendiendo, en nuestros actos y en nuestros cantos, la justicia y la claridad, invocamos a los gobiernos a cumplir su deber para con la vida de sus pueblos. Queremos, con nuestro canto, ayudar a salvar la Amazonía, para que la libertad y la vida que aún reinan en ella puedan transformar la existencia de este lugar llamado Tierra, morada del corazón y la inteligencia de todo lo viviente. En Indiana (Explorama Inn) siendo el atardecer del 28 de septiembre de 1986 (KANATARI 1986: 6).

O jornal Kanatari, de 21 de setembro de 1986, da cidade de Iquitos, anunciava o evento, patrocinado por *Petroleos del Peru*, *Explorama Tours* e *Foptur*. Acompanhavam os poetas alguns políticos conhecidos que, ao fim do evento, levariam propostas ao Executivo e ao Legislativo dos países amazônicos como alternativas de ação frente à problemática da

irracional exploração dos recursos do “pulmão do mundo” e, também, a fim de fazer um chamado à consciência da humanidade para que se interesse e dê a devida importância à preservação e ao equilíbrio ecológico, cuidando do futuro mediante o uso planejado e racional de suas riquezas.

Um dos trechos da Declaração de Indiana reflete que um dos objetivos da reunião de poetas da fronteira amazônica é alçar “um canto de denúncia e de esperança que tem a força de um sonho e a sabedoria milenar dos povos que habitam o mais verde pedaço do universo”. O que eles denunciam? O que eles esperam? Não foi à toa que esse encontro aconteceu na década de 80 do século passado no Peru. Essa foi uma época de efervescência indigenista naquele país.

Os olhos não apenas peruanos, mas também de todo o mundo, voltados para o meio ambiente e, principalmente, sobre a questão indígena, mobilizaram as entidades sociais em busca de uma defesa para essas identidades antes esquecidas e marginalizadas. Trata-se de algo feito há mais de 20 anos, mas que hoje ainda continua sendo realizado sob o sofrer daqueles que recebem as duras penas de uma história de vida nômade pelas nossas cidades. É uma reação típica de quem não sabe – ou finge não saber – que o mundo é um multicultural.

O alerta dos poetas transmite esses conceitos, dado que no mundo há um sem-fim de diálogos entre fazeres e dizeres. Mais de 20 anos depois, o debate da Declaração de Indiana continua aberto, porque a esperança seria um porvir não presente naquele instante. As gerações futuras promoveriam e fariam conhecer as ideias levantadas nesse encontro internacional de poetas.

A Declaração de Indiana não tinha uma utilidade particularmente indígena. Ao afirmar nesse manifesto que o propósito desse encontro foi alçar “um cântico de amor pela dignidade e a formosura da própria condição humana, igualmente ameaçada, em seus íntimos poderes, pela cegueira e a ferocidade dos que se consideram donos do mundo”, os poetas amazônicos declararam uma guerra simbólica contra os poderes, sejam eles quais forem, regentes da economia ou da engrenagem quase infreável do mundo. Eles reconhecem a existência de um mundo indiscutivelmente diverso, reconhecem a Amazônia plural, constituída de inúmeras etnias, não só indígenas, mas caboclas, mestiças, brancos, negros, estrangeiros. A “Amazônia”, ao mesmo tempo em que é diversa, é única por sua vastidão, imensidão, em cujo berço recebe as várias populações para lá em diáspora. Os poetas cantam reclamando uma vida digna para os povos lá nascidos e para lá idos. Exigem respeito por essa pluralidade, pedem reconhecimento pelas riquezas individuais e naturais que o território abriga. Cantam para que os que procuram destruir a Amazônia, que veem nela apenas fonte de

exploração de iguarias, que a enxergam como um produto pronto para o consumo, olhem-na com um novo olhar; com o olhar da preservação para um mundo caótico, depressivo; com o olhar de que é dali que sairão muitas das soluções para os males que assolam a humanidade; uma visão estética, de uma Amazônia bela, fantástica, misteriosa, imensa, fonte de inúmeros conhecimentos e território de riquezas inimagináveis. Porque, como diz Thiago de Mello,

São séculos de doação do que a floresta amazônica tem de bom para a vida do homem da região e das mais afastadas partes da terra. Sobretudo para o homem da Europa e da outra América que são, ao longo da escura história da exploração dos recursos naturais da Amazônia, os que mais fluíram e mais se enriqueceram com as dádivas – dádivas arrancadas – da nossa floresta (MELLO 2002: 32).

A vida local é atingida pela ordem hierárquica de poder que rege o mundo hoje. O Brasil trabalha subordinado aos países de Primeiro Mundo, ou “a Europa e [d]a outra América”, a Amazônia trabalha subordinada aos grandes centros brasileiros, uma região tida como periférica, inclusive muitas vezes ainda julgada como habitada por gente inferior, incapaz. Por isso, “Através da transculturação, ‘grupos subordinados ou marginais selecionam e inventam a partir dos materiais a eles transmitidos pela cultura metropolitana dominante” (HALL 2003: 31). Hoje, infelizmente, a Amazônia, sua gente e suas cidades, glamorosas como se julguem ser, só são aquilo que as grandes metrópoles mundiais querem que sejam e, principalmente, tenham. É necessário pôr em evidência esses grupos, tornar frequente as discussões sobre suas necessidades. Aos devires, aqueles que são lançados em lugares de ninguém para serem esquecidos, mas que, de repente, ressurgem fazendo enfrentamentos, reaparecendo e reivindicando; esses a que Stuart HALL (2003: 31) chamou de “recrutas da modernidade”, sempre prontos e dispostos a servi-la. Não só dispostos, mas principalmente obrigados a fazê-lo. É um “canto [que] denuncia a voracidade suicida do imperialismo internacional, que é amparado [...] pela cumplicidade dos governos que ocupam a Amazônia” (MELLO 2002: 76).

O Grupo Buzinana

O encontro é reflexo dos ideais dos poetas do grupo *Buzinana*, criado na década de 60 em Iquitos, sobretudo de Javier Dávila Durand. Precedendo esse período, de acordo com

Armando Ayarza Uyaco²⁸, a poesia nas Amazônias peruanas pode ser periodizada de uma forma que melhor nos possibilite uma visualização das produções e compreender a importância de Durand nas épocas literárias peruanas dentro da selva amazônica. Ele a chama de *Sistematización de la Literatura en la Amazonía Peruana*, dividindo as produções poéticas de acordo com os ciclos econômicos da região.

I – Período da Borracha (1880-1914): é o período literário em que o capitalismo industrial se estabelece na selva. Há fortes correntes migratórias, e colonizadores invadem a floresta. Consequentemente, os grupos de nativos passam por mudanças drásticas em seu fazer cultural, cumprindo o que foi dito por CANCLINI (2003), sobre o local sendo atingido pelo global. É quando aparecem os *Cantores del Amazonas*, de onde destacamos: Juan Fabriciano Hernández, Antonio del Carmen Sotelo, Leopoldo Cortés Simón Martínez Izquierdo. Esses poetas tinham como características de suas poesias a descrição hiperbólica da selva; o rio e a selva ocupam o primeiro plano, além da visão paradisíaca da selva e da poesia mística religiosa.

II – Período da Depressão econômica (1914-1943): derrocada da borracha, crise econômica e social. Conflitos fronteiriços impõem o serviço militar obrigatório. Presença norte-americana em busca de alternativas econômicas na selva. Aparece outra fase, que é a de *Partes de Inicio de Siglo*, com Jenaro Herrera, Rómulo Paredes, Jorge Rúnciman, Juan Alcibíades Zegarra. Uns justificam o avanço da “civilização” e outros o rechaçam. Há protesto contra a matança dos nativos e contra o centralismo.

III – Período de Integração da Selva à vida Nacional (1943-1970): implementam estratégias de integração. Abrem-se estradas de penetração à selva. É aberta a rota aérea por jet na selva e à costa. Multiplicam-se as construções e aumenta a população de Iquitos. Aparecem as figuras do regatão, chinganero e rematista, quando o comércio está em *boom*.

Opera o *Instituto Lingüístico de Verano* (ILV)²⁹ na estrutura dos nativos. Em 1942 se celebra o IV centenário do descobrimento do Rio Amazonas. Surgem os *Poetas de Bunbizana*: Teddy R. Bendayán Díaz, Javier Dávila Durand, Róger Rumrill, Róger Hurtado Mas, Pedro

²⁸ Docente universitario, poeta y periodista iquiteño, el autor es actualmente alumno del Programa de Maestría en Educación de la Universidad Peruana Cayetano Heredia, sede Iquitos. El presente artículo es un resumen del trabajo *La poesía hispánica en la Amazonía Peruana*, obra que mereció el primer premio del concurso de investigación pedagógica 2004 que organiza la Derrama Magisterial. El artículo fue publicado en la revista regional Kanatari 1050, en octubre de 2004.

²⁹ El ILV en el Perú es una asociación de voluntarios que, desde 1946, realizan trabajo de apoyo en favor de las minorías étnicas del Perú bajo los auspicios del Ministerio de Educación. Publica, además, los resultados de los estudios realizados en los idiomas y las culturas del Perú, así como otros trabajos afines. Según sea conveniente para el grupo étnico, el ILV promueve la alfabetización, fomenta el cuidado de la salud y proyectos de desarrollo. Los lingüistas y traductores también traducen textos de alto valor moral a las lenguas vernáculas.

del Castillo Bardales, Humberto Morey Alejo; os *Poetas Provincianos*: César Calvo Soriano, Jorge Najjar K., José Carlos Rodríguez Nájjar, Manuel Morales, Juan Sánchez Pacheco; e *Los cantores de Iquitos*: Victor M. Dávila, Silvino Treceno Ríos, Joaquín García Sánchez. Descrição hiperbólica da selva. Visão paradisíaca. Temas de cidade começam a ser tocados nas suas contradições e conflitos. A poesia é tomada como um compromisso social. O problema dos nativos se menciona tangencialmente. Rechaço ao sistema capitalista (a selva é inferno neste sistema). Protesto contra a exploração do seringueiro e do nativo. Trabalha-se com mitos e lendas da selva como uma alternativa literária. Predominam o tema do autoexílio, a marginalidade na cidade, o amor, a morte são temas comuns. Buscam ocupar um lugar na história da literatura peruana.

Javier Dávila Durand é um poeta que escreve após um período de decadência da 2ª fase da borracha nas Amazônias peruanas. É um tempo de penúria na região devido à escassez de recursos, à falência dos seringais de Iquitos, de inconstância e incerteza naquelas comunidades. As condições sociais dificultam a vida nas cidades recém levantadas e criam uma atmosfera propícia para uma reação ativa das instituições locais face ao novo problema.

O poeta que promoveu o encontro na cidade de Iquitos, no Peru, Javier Dávila Durand, ajuda-nos a reforçar essa ideia quando, em 1966, publica *Yara*. Em Iquitos, Roger Rumrill cria em 1963 o grupo literário Bubinzana³⁰, com o propósito de, concordando com o jornal *Ojo de la Palabra*,

[...] presentar como tema principal al hombre amazónico y sus problemas sociales, considerando que el paisaje debe servir sólo como telón de fondo; en este sentido, cuestiona duramente a los escritores que les preceden. [...] Plantea tomar la sensibilidad de lo mágico frente a los valores de la sociedad unidimensional, basados en la fraternidad, en la satisfacción plena de todas las necesidades humanas. Afirman que se deben valorar las culturas aborígenes amazónicas en sus manifestaciones más esenciales (QUINTANILLA 1999: 9).

Em *Yara*, Durand pinta um homem local e frugal. É com essa obra que o autor ingressa no grupo literário peruano de grande relevância chamado Bubinzana.

[Es] un gran experimento. Repentinamente este poeta empieza a trabajar con mitos de origen de la cultura nativa, del primer habitante de la selva, como le llama. [...] Durand es el bubinzano que intuye y se percata que la cultura indígena va perdiendo

³⁰ Nome de uma flor; grupo criado como eco da *Primera Jornada del Libro Loreto*, cujo idealizador, o Sr. Raúl Hidalgo Morey, era obcecado por uma poesia comprometida e uma linguagem popular e poética.

su vigencia y se va desestructurando, y en cierta forma la asume para dar cuenta de ese pasado que fue y que no volverá definitivamente a serlo (DURAND 1966: 11)

Este poeta inova quando em ato de rebeldia artística deixa as formalidades de imitação de Lima que, por sua vez, imitava Europa e Estados Unidos, para dar essa cor local à sua poesia. Era essa a proposta do grupo literário criado em Iquitos no começo da década de 60. Começa a dar vazão a uma atitude que deveria ser mais que óbvia: a de promover a sua própria terra e sua gente nessa arte literária e (por que não?) usá-la como mecanismo de denúncia social.

Quando o grupo foi criado, em 1962, publicaram nas rádios, jornais e outros meios de comunicação o *Manifiesto Literario*, isso sim a exemplo do fazer literário das metrópoles ainda nas fases modernistas e recém saídas dos frenesis das vanguardas europeias. Nele lemos que “*el hombre amazónico debía ocupar el primer plano dentro del vasto paisaje amazónico*” e que “*el paisaje debería servir como telón de fondo*” (MANIFESTO 1962: 8). Logo após declara que “*el hombre deberá ser objeto de esta literatura, dejaría de ser ‘el juguete de los hados del río y del bosque, aplastado por una geografía humana, con una visión y una perspectiva que minimiza su participación en la transformación de la historia y de la naturaleza que no puede dominar’*”. Os poetas dizem que devem cada vez mais “*profundizar en lo social*” e que “*en poesía, lo social debería ser la problemática preferencial, a partir de elementos regionales, tales como la explotación del regatón, del chacarero, extracciones mercantiles, etc.*” (MANIFESTO 1962: 9).

O grupo lançou esse Manifiesto Literário em 1962 em inúmeras revistas, jornais, diários e declarações em rádio das cidades interessadas e em Iquitos. Segundo eles, toda criação poética antes deles era uma literatura paisagista. O grupo Bubinzana é uma ruptura no fazer poético que, desde o grupo poético de *Cantores de la Amazonía*, vinha guardando traços do folclore, da anedota e descritivismo tradicionais e tratava o homem como “*‘el juguete del río y del bosque’, aplastado por una geografía humana, con una visión y una perspectiva que minimiza su participación en la transformación de la historia y de la naturaleza que no puede dominar*” (MANIFESTO 1966: 9).

A primeira obra publicada pelo grupo foi, além do aludido manifesto de 1962, o poemário *Humedad Ardiente*, de Teddy Bendayán Díaz. A participação de Javier Dávila Durand nesse movimento inovador foi a publicação, em 1966, do poemário *Yara*. Considerava-se filho da exploração “de uma riqueza natural saqueada pelos grandes consórcios e de uma cultura avassalada e dominada para fazer do homem da selva presa fácil

de exploração” (ARROYO 1982: 365). Sua temática é preferencialmente de denúncia e de compromisso com o homem e a terra.

Leiamos o que *Yara* nos relata:

YO PUDE SER UN RÍO

Pude ser un río

Fluvial

Mi espíritu

Abrazado

de orillas.

Viajeros mis pies

de agua

asimilando ríos

del mundo.

Un río

Al fin

para el niño

que alienta

su barco de papel

y es feliz.

Un río

en donde el hombre

encuentra él mismo.

El puerto que soñó.

Y también es feliz.

Un río.

Yo pude ser un río...

O acento lírico dado a esse poema denota a encarnação da sensação mais profunda e a fronteira mais absoluta entre o eu e o espaço que lhe dá identidade: “*yo pude ser un río*”, “*mi espíritu*”, “*mis pies*”, saltando de um momento de perplexidade, fuga da violência da violação de suas temporalidades, para o mais confidencial e próprio. Promovido o diálogo entre geografia, cartografia, e um eu cindido e confuso, ressurge o sujeito nostálgico, ferido.

Embebido dessa vez pela acentuação do dramático, flutua na intensa polarização das duas faces contraditórias: administra a divisão interior que lhe ataca num diálogo imediato com a confissão aberta de uma ligação cosmogônica. Numa se sustenta de forma plena, insuficiência absoluta noutra. Se a imagem do “*yo*” como homem físico, cidadão, civilizado, associa-se facilmente a um padrão de prestígio exterior e conseqüente estabilidade social, a

condição de “misturado” confina-o ao plano do vazio íntimo, desde o ponto de vista eurocêntrico, porém de completude identitária desde o ponto de vista da cosmogonia.

Entre a seca objetividade e a evocação da transubstanciação entre corpo e acidente geográfico, “*yo pude ser un río*”, trava-se a relação identificadora que está na base da poesia de Durand: a verdade dura da poesia tem expressões possíveis em suas faces de tradução cultural, de possíveis leituras de mundo a partir do olhar pluriforme dos sujeitos identitariamente fragmentados.

Essa verdade íntima é a vontade de ser, aqui expressa numa retomada íntegra da fala autóctone, cujas crenças realçam a miscigenação geral: tanto sujeito-espaco quanto sujeitos-sujeitos. O eu-lírico aqui, em seu desejo de ser, representa ambos. Dos excessos mundanos, do homem moderno aqui representado, despem-se a máscara e a ironia: as aparências de negociações artificiais que encobrem o desdobrar de tradições e crenças das frestas, dos entre-lugares, fingidos esquecidos, que se revelam ameaçadores à dominação hegemônica homogeneizante.

O poema relê, além disso, uma singular fase da história na região de Loreto, província peruana que abraça a Amazônia fronteira com o Brasil. Numa época em que os rios eram os principais e únicos meios de acesso aos conglomerados urbanos e também para o escoamento das produções (não muito variados), a saída para tal situação foi a construção de outro viés de entrada e saída de recursos e pessoas. Esse alvitre foi a conhecida *Carretera Lima-Pucallpa*, feito que independiza a região da selva alta da selva baixa, somente depois de que o sonho do *ferrocarril al Oriente* malogrou. A cidade de Pucallpa se torna um polo comercial da selva e começa um contato comercial entre esta e Iquitos com muita dependência. Claramente, as relações de patrão-colono se tornaram inválidas com a falência dos seringais e emerge uma nova relação de trabalho entre os que viveram nas cidades amazônicas do Peru.

Essa mudança notável fez com que, igualmente, as cópias do modo cultural de Lima fossem efetivadas, além do que fez com que a máquina administrativa passasse por um processo de significante melhoramento. Com isso, a procura por lotes cresceu, o sistema habitacional explodiu e a população, principalmente da cidade de Iquitos, rapidamente se multiplicou, de modo que esta se tornou a urbe central da selva amazônica peruana.

Mas foi nesse período que houve uma tímida diversificação da economia, como industrialização de produtos madeireiros, avançou a agropecuária e a agricultura, além da presença das figuras de circulação de produtos e produção, como *el regatón*, que é descrito por Jesús SAN ROMÁN (1994: 213) como portador de “*calidades de servicialidad*”, fácil “*adaptación al ambiente y sus tonos de don Juan*” e “*hecho simpático a la gente*”; “*el*

chinganero”, “*pequeño comerciante que ofrece a los pobladores los artículos de primera necesidad*”; e “*el remantista*”.

O ILV exerce importante papel no universo dos nativos, dado que a preocupação por eles eclode mesmo antes desse ciclo, que é conhecido como *período de integración de la selva a la vida nacional*. Isso não quer dizer que a selva passou a ser um grande centro comercial, não. A economia local continuou sendo extrativista. A região não se tornou independente, mas sim seguiu dependente da costa do Peru e também de países estrangeiros.

Considerações finais

Durand é um poeta que, depois de chegar de sua graduação em Lima, espanta-se com uma Iquitos pobre e verde. É nessa circunstância histórica supramencionada que o artista vislumbra sua paisagem de inspiração, em meio à pobreza e ao encanto de uma selva tida como paradisíaca. É quando as temáticas poéticas começam a mudar, saindo de um mero canto da beleza amazônica para cantar a cidade, a vida nela, as pessoas, os efeitos das expansões comerciais e interesses econômicos sobre a região – e suas implicações – e das estéticas modernas, já que a poesia começa a ter uma função social, dando mais voz aos anseios dos povos locais menos favorecidos. São, nesse sentido, grupos diversificados de poetas peruanos com uma poesia engajada local e socialmente.

Isso revela essa face engajada da literatura (BOSI 2002: 297), especificando ainda mais no campo da poesia. Nele vemos que o pensamento crítico poético contraria despotismos, regimes autoritários, políticas violentas e mostra indignação do inconsequente avanço dos interesses do lucro no século XX, durante a atuação dos grupos de poetas peruanos. A publicação se dá em um contexto em que as reivindicações por mudança estão presentes em todas as áreas sociais. O que move esse trabalho é como se podem encontrar elementos de dominação ideológica numa obra poética.

Referências bibliográficas

ARROYO, José María. Panorama de la Poesia en la Selva. In: _____. *Shupihui*. Iquitos, Peru: Ed. Publicaciones Ceta, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANCLINI, Nestor García. *A globalização imaginada*. São Paulo, Ed. Iluminuras, 2003.
- DURAND, Javier Dávila. *Yara*. Ed. Populares Selva: Iquitos, 1966.
- DURAND, Javier Dávila. El encuentro de poetas amazónicos. In: *Proceso* 20(59), 1986, 5.
- HALL, Stuart. *Da diáspora*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- KANATARI, Semanario de noticias. Iquitos, Perú, 1986.
- MANIFESTO. Poetas peruanos, Iquitos, Loreto, Perú, 1962.
- MELLO, Thiago de. *Pátria das águas*. Manaus: Bertrand Brasil, 2002.
- PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- PAZ, Octavio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- QUINTANILLA, Manuel Marticorena. Los grupos literarios en Iquitos (I). In: *Arteidea* 2(1), 1999, 8-10).
- SAN ROMÁN, Jesús V. *Perfiles históricos de la Amazonía peruana*. Iquitos, Perú: Editorial Ceta, 1994.